

MEMÓRIA HISTÓRICA E HISTORIOGRAFIA DA CRUZADA ALBIGENSE¹

*José Rivair Macedo**

RESUMO

Este artigo pretende avaliar criticamente o modo pelo qual foi elaborada a memória social em torno de um movimento herético do século XIII, conhecido como catarismo, e o movimento armado desencadeado para extirpá-lo, chamado Cruzada Albigense. Tem como objetivo verificar as grandes linhas de interpretação da historiografia francesa concernentes aos mesmos, bem como as implicações decorrentes da memória elaborada nos meios acadêmicos e nos meios de comunicação de massa no decurso dos séculos XIX e XX.

PALAVRAS CHAVE: Catarismo, Cruzada Albigense, historiografia.

Na história, há determinados acontecimentos que poderíamos chamar de paradigmáticos. Eles revestem-se de extrema complexidade, congregando aspectos diferenciados e complementares capazes de apresentar aos seus intérpretes diferentes possibilidades de leitura ou diferentes formas de apropriação. Nestes casos, não basta ao historiador procurar examinar a historicidade dos acontecimentos enquanto tais. Convém do mesmo modo verificar as estratégias de elaboração da memória social em torno dos mesmos. A história, na afirmação pungente de Jean Chesneaux, é um assunto sério demais para ficar apenas no âmbito dos historiadores de ofício. O fato é que, no caso dos "eventos paradigmáticos", com o consentimento dos historiadores ou à revelia destes, as imagens criadas (ou imaginadas) a respeito do passado assumem funções dispare e fundamentais de acordo com a orientação dos grupos ou indivíduos que as evocam, conferindo-lhes sentidos de acordo com os estímulos e motivos para a rememoração.

No caso da história francesa, um destes acontecimentos paradigmáticos, indubitavelmente, diz respeito ao catarismo e a Cruzada Albigense. Poderíamos afirmar que, nos debates acadêmicos e eruditos, mas também na fabricação de

*Departamento de História da UFRGS.

imagens estereotipadas ou de símbolos os mais variados desenvolvidos em torno desta questão, pode-se vislumbrar as diferentes interpretações secularmente apresentadas para os fatos históricos quanto as complexas relações estabelecidas entre as diferentes correntes religiosas que se afirmaram na França moderna, bem como o peso das diferenças internas políticas e regionais.

Catarismo é o termo que se tornou consagrado para designar uma heresia desenvolvida em solo francês entre meados do século XII e o início do século XIV². Seus promotores, chamados cátaros (do grego, os puros), professavam uma doutrina baseada em princípios morais extremamente rígidos, fundados na crença de um dualismo mitigado ou absoluto, segundo o qual a criação do mundo seria obra de Satã, e que Deus, perfeição absoluta, só poderia ser atingido pela purificação espiritual dos “perfeitos” e dos “crentes”. A orientação doutrinal da heresia incidia na negação dos valores e instituições mundanas, e na valorização do espírito em detrimento da matéria. Originária no Oriente, a heresia acabou sendo introduzida em diversas partes da Europa feudal, tendo sido disseminada principalmente nos territórios onde atualmente está situado o Sul da França, nos atuais departamentos do sudoeste pertencentes ao Languedoc³.

No início do século XIII, em virtude da proliferação das idéias e práticas heterodoxas, do enfraquecimento da autoridade dos representantes clericais, bem como pelo fato de que determinados grupos sociais que apoiavam a heresia valiam-se dela para atacar as propriedades eclesiásticas, o papa Inocêncio III decretou uma cruzada para extirpar os dissidentes religiosos, conhecida como Cruzada Albigense. Era uma “Guerra Santa em região Cristã”, o primeiro e mais truculento movimento armado idealizado pela Igreja para combater opositores político-religiosos pertencentes ao âmbito da Cristandade. As primeiras expedições militares marcharam ao Languedoc em 1209, e um cavaleiro da nobreza feudal do Norte da França chamado Simão de Montfort foi eleito chefe do movimento em defesa do papado. Os confrontos sucederam-se até 1224, tendo Simão neste ínterim morrido em combate, sendo substituído pelo filho Amauri de Montfort. Entre 1224 e 1229, sucedendo à família Montfort, a própria realeza francesa interferiu diretamente na guerra, e o Rei Luís VIII faleceu durante o retorno dos combates aos rebeldes meridionais.

A Cruzada Albigense terminou oficialmente em 1229, quando os representantes de Luís IX (São Luís) estabeleceram um tratado de paz com o conde de Toulouse Raimundo VII, último grande senhor feudal com direitos principescos sobre o Languedoc. A partir da assinatura do Tratado de Paris, os direitos da realeza sobre a região foram garantidos, e a ingerência dos representantes da monarquia na administração local aumentaram paulatinamente, de modo que em 1249 (com a morte de Raimundo VII) as

terras passaram ao domínio de Afonso de Poitiers -irmão mais novo do rei francês- e em 1271 toda a região foi definitivamente integrada aos domínios políticos sob administração direta da coroa.

Sob o ponto de vista religioso, os desdobramentos da guerra e a derrota da nobreza languedociana contra as hostes enviadas pelos papas, reis e senhores feudais do Norte implicou na exposição dos ministros heréticos à perseguição por parte das autoridades leigas e eclesiásticas. Paralelamente aos ataques militares, integrantes das ordens monásticas e do clero secular procuraram investigar, descobrir e punir os rebeldes da fé, e em 1229 -o mesmo ano do Tratado de Paris e da capitulação da feudalidade meridional- uma assembléia de clérigos reunida por ocasião do Concílio de Toulouse lançou as bases para a criação dos primeiros tribunais da Inquisição. De fato, o combate ao catarismo pode ser considerado o ponto de partida da atuação inquisitorial.

Acreditamos que estas breves menções sejam suficientes para situar cronologicamente o problema. Heresia e cruzada, neste âmbito, desencadearam movimentos sociais de grande proporção, dando origem a um dos conflitos militares mais sangrentos da Idade Média, a manifestações de intolerância religiosa até então desconhecidas, e ao processo de anexação e incorporação política de parte substancial dos territórios atualmente pertencentes ao Estado francês. Talvez estes aspectos sejam suficientes para explicar o por que de tais acontecimentos, ocorridos no hoje distante século XIII, teimaram em persistir na memória coletiva dos franceses. O modo pelo qual os eruditos e intelectuais a eles fizeram referência pode demonstrar o quanto a violência e as diferenças existentes no passado influenciaram no modo de conceber a sua história.

CRUZADA, HISTORIOGRAFIA E CONTROVÉRSIA RELIGIOSA

De fato, as implicações religiosas e políticas tiveram peso decisivo na preservação da memória histórica concernente à Cruzada Albigense. As alusões, comentários, reflexões e investigações sobre aqueles acontecimentos encontraram motivações no caráter religioso, ou seja, no papel desempenhado pelo catarismo no seio da Cristandade no século XIII, e no que a existência de formas de dissidência ao poder clerical em tempo tão recuado poderia efetivamente representar. Além disso, a consequência visível e imediata do fato, isto é, a anexação do Languedoc aos territórios controlados diretamente pela monarquia, alimentou debates, dividiu opiniões e colocou em evidência as diferenças regionais entre nortistas e sulistas franceses.

De um modo geral, pode-se dizer que os assuntos em questão, conquanto não tivessem sido desconhecidos, não foram colocados em evidência nos textos dos séculos XIV e XV destinados a compor a memória das dinastias e do reino da França. Colette Beaune, que estudou profundamente a construção embrionária do sentimento nacional francês nos séculos finais da Idade Média, verificou a preocupação dos cronistas e escritores a serviço da monarquia em não registrar fatos ou situações capazes de apontar dissidências internas no reino. Nos textos dos propagandistas dos reis capetíngios e da dinastia dos Valois, o reino da França aparecia como o eleito para a “nova aliança”, como o “Paraiso terrestre”, espaço jamais maculado por qualquer tipo de cisma ou heresia⁴. Em contrapartida, do século XVI em diante, o problema do catarismo e da Cruzada Albigense passou a ser constantemente enfocado pelos eruditos, teólogos, e posteriormente pelos cientistas sociais, com objetivos variados mas sempre conflituosos. O exame crítico da historiografia francesa nos fornece uma linha de rumo fundamental no debate em torno das questões aqui apontadas. Essa linha diz respeito à divergência doutrinária entre o pensamento católico e a orientação de matriz protestante.

No século XVI e nos posteriores, com o grande cisma religioso que afetou as bases de influência da Igreja, dando origem ao Protestantismo, os pensadores católicos tenderam a identificar nos cátaros os antecessores mais antigos dos cismáticos luteranos e calvinistas. Neste caso, as referências, alusões ou estudos a respeito do catarismo e da cruzada desempenharam um papel ideológico bem preciso. A proliferação de obras ou a publicação de textos que colocavam em destaque as causas e motivações da antiga heresia geraram uma guerra panfletária, incitando os leitores a encontrar nos protestantes os mesmos “erros” dos antigos cismáticos e a encontrar na realeza ou no poder político estabelecido o mesmo braço de sustentação da “verdadeira fé”.

Três séculos depois, com o desenvolvimento de um arcabouço metodológico da história enquanto ciência, a Cruzada e o catarismo permaneceram objetos preferidos de análise dos historiadores franceses, continuando a ser intensamente investigados. O núcleo dos pesquisadores católicos concentrou-se em torno da *Revue des Questions Historiques*. Medievalistas importantes da velha escola de erudição, como o Abade Celestin Douais, Jean Marie Vidal e posteriormente Jean Guiraud contribuíram para o periódico com trabalhos a respeito das origens e do desaparecimento da heresia. Contudo, malgrado o aparato conceitual e metodológico melhor estabelecido, os pontos de vista e os juízos de valor constantes em seus textos continuavam a dar mostras de uma “cruzada intelectual” contra os cátaros e seus defensores pósteros⁵.

O “estado de guerra” aparece com relativa clareza em um artigo redigido

em 1874 pelo bispo Charles de Smedt, concernente às fontes documentais da Cruzada Albigense. Apresentando os testemunhos contemporâneos do conflito (crônicas, poemas, documentos senhoriais e correspondências até então publicadas), reclamava o estudioso da ausência de pesquisas de historiadores católicos, conclamando-os a dedicar-se a esse trabalho. A crítica histórica, segundo ele, deveria ser implacável com o gênero de abordagem dos investigadores protestantes e dos “romanistas” -partidários da independência occitana e críticos ferrenhos da Igreja-, que pouco tinha de científico⁷. Poucos anos antes, outro erudito católico desferiu sérios golpes na concepção “mistificadora” da cruzada. Num estudo sobre o Massacre de Béziers e a expressão “*Matem todos, Deus escolherá os seus*”, atribuída costumeiramente a Arnaldo Amauri -principal legado de Inocêncio III no início do conflito armado⁸, Philippe Tamizey de Laroque empreendeu cerrada análise documental, comprovando “definitivamente” a inocência do emissário papal quanto à autoria da terrível frase⁹.

Os trabalhos dos eruditos católicos alargaram os horizontes de pesquisa sobre o albigismo e a significação da Cruzada Albigense. Jean Marie Vidal, profundo conhecedor das doutrinas cátaras, examinou-as profundamente, revelando os principais elementos que as compunham¹⁰. Celestin Douais dedicou-se tanto ao estudo dos fatos quanto à publicação de fontes documentais a respeito da intervenção da Igreja no Languedoc, dando especial ênfase aos primeiros documentos provenientes dos tribunais de Inquisição¹¹. Entretanto, as lacunas factuais diminuíram consideravelmente a partir das investigações minuciosas empreendidas por Jean Guiraud, sem dúvida o mais notável medievalista católico dedicado ao estudo da Inquisição e ao mesmo tempo o mais declarado adversário dos hereges e dos languedocianos¹².

A recuperação da memória da cruzada e do catarismo, quando realizada por historiadores protestantes, também assumiu um caráter apologético. Longe de refutar a pretensa associação do protestantismo com o catarismo, os intelectuais luteranos e/ou calvinistas desde o final do século XVI utilizaram como argumentação teológica a suposta origem cátara do movimento protestante. Esperavam demonstrar, por meio de um contra-discurso, a secular “intolerância” da Santa Madre Igreja¹³. A corrente protestante contou no século XIX com fervorosos defensores. Por volta de 1840 Charles Schmidt, teólogo, professor de Teologia Prática e de História Eclesiástica na Universidade de Estrasburgo, escreveu o mais brilhante livro do século anterior a respeito da seita medieval, a *Histoire et doctrine de la secte des cathares ou albigeois*, obra cuja seriedade e solidez conceitual e metodológica garantem lugar seguro entre os trabalhos clássicos sobre o albigismo¹⁴.

Agrupados em torno dos periódicos *Revue Historique* e *Revue des Deux*

Mondes, os pesquisadores protestantes procuraram questionar incessantemente a concepção católica do catarismo¹⁵. Destaque-se o trabalho exaustivo de Charles Molinier a respeito da atuação da Inquisição no Languedoc durante a segunda metade do século XIII, em que examinou pacientemente a natureza dos processos movidos pela instituição, os procedimentos de investigação desenvolvidos pelos inquisidores e as medidas penais tomadas contra os indivíduos suspeitos de envolvimento com a heresia¹⁶. Outro trabalho de orientação protestante dedicado ao exame das origens da Inquisição, escrito pelo norte-americano Henri-Charles Lea e traduzido na França pelo respeitado historiador das religiões Salomon Reinach, o consagrado *Histoire de l'Inquisition au Moyen Age*, denota menos precisão conceitual, resultando de exaustiva pesquisa, mas revelando caráter panfletário abertamente anti-católico, trazendo em seu bojo inúmeros juízos de valor desfavoráveis à instituição religiosa hegemônica no medievo¹⁷.

O “NEOCATARISMO” E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

Paralelamente aos debates acadêmicos, a cruzada e o catarismo tornaram-se objetos de obras e criações desvinculadas da pesquisa erudita, caindo em domínio público para alimentar um veio muito rico de interpretações sem qualquer fundamento histórico estabelecido. Peças teatrais, poesias, romances e outras formas de expressão artísticas, ao focar o tema, conferiram-lhe um caráter bizarro, extravagante, exótico e até mesmo esotérico, dando origem a um veio muito rico de imagens contemporâneas a respeito do passado longínquo, que poderíamos chamar de “imaginário imaginado” do catarismo. A mística em torno da resistência armada dos defensores dos cátaros face aos representantes da Igreja, em torno dos possíveis significados ocultos do castelo de Montségur¹⁸ e inclusive em relação à suposta sobrevivência de práticas cátaras, associados ao mito do Graal continua a exercer profunda atração sobre um público nem sempre reduzido.

O ocultismo e esoterismo mostrou ser um terreno bastante favorável para o desenvolvimento do “imaginário imaginado cátaro”. Desde o final do século passado, a rememoração mitificada e mistificadora deu origem a movimentos espirituais pretensamente herdeiros dos dissidentes religiosos do século XIII. Em 1888 um destes “gnósticos” modernos, Joséphin Péladan, pretendendo ser o sucessor dos governantes da Assíria e proclamando-se rei, associou o sonho cátaro aos conhecimentos iniciáticos desenvolvidos na Ordem

Rosacruz, e em 1899 Déodat Roché fundou o jornal *Le Réveil des Albigeois*, de orientação esotérica e gnóstica ligada à franco-maçonaria.

Décadas depois, em 1931, Maurice Magre publicou o romance *Le Sang de toulouse*, em que o lado misterioso do Languedoc do século XIII, envolto por um halo místico de profundo lirismo, ocultava a realidade histórica da cruzada, tema principal da obra. A glória do Midi pré-cruzada, cosmopolita, tolerante e próspero, teria sido sufocada pela ação assassina dos “nortistas profanadores”¹⁵. No mesmo momento, Otto Rahn escreveu o famoso tratado *Croisade contre le Graal*, associando o castelo de Montségur ao castelo de Montsauvatge (supostamente o santuário do Graal), e identificou na figura de Raimundo Rogério Trencavel -um dos nobres languedocianos mortos durante a Cruzada Albigense- o personagem mítico-literário do ciclo arturiano do Graal chamado Percival¹⁶! Poucos anos depois, em plena época de ascensão do nazismo, Philéas Lebesque situou a espiritualidade cátara nas origens secretas do Hitlerismo.

A relação entre o tema mítico do Graal (supostamente o cálice em que foi depositado o sangue de Cristo vertido da Cruz, que se encontraria em um castelo feérico denominado Corbenic) com um saber reservado aos iniciados baseia-se na crença de que os cátaros tenham sido eleitos os guardiões do símbolo sagrado, e a montanha “mágica” de Montségur, o local escolhido para a revelação. No decurso deste século, os adeptos deste “pan-catarismo” alimentaram especulações as mais variadas, procurando encontrar na poesia dos trovadores occitanos e nas atividades da Ordem dos Templários (outro grupo religioso medieval profundamente explorado pelos “gnósticos” e ocultistas) vestígios das crenças cátaras, ligando-as ao conhecimento dos druidas celtas, aos mistérios dos cultos solares pré-romanos e até mesmo ao misticismo enraizado na cultura milenar indiana da antigüidade. Neste ponto, a fantasia não encontrou limites, e certos chegaram mesmo a procurar nas ruínas de Montségur os manuscritos do Evangelho segundo São João “*não falsificados por Roma*”²¹.

Na segunda metade do século XX, uma onda de “neocatarismo”, alimentada por periódicos sensacionalistas -entre os quais o *Cahiers d'Études Cathares*-, ou por interpretações “psicanalíticas” voltadas para o significado “inconsciente” da heresia, invadiu os Meios de Comunicação de Massa, criando imagens de forte apelo popular influentes entre o grande público francês. Montségur e os “castelos cátaros”, “comidas cátaras”, “brasões e adesivos cátaros” e pontos turísticos cátaros atraem continuamente turistas ansiosos por vivenciar experiências místicas e visionárias. O *marketing* publicitário soube apropriar-se com bastante eficácia do “mito” do catarismo, utilizando os emblemas da heresia, por exemplo, em estações de férias de inverno: numa

destas, uma propaganda afirmava “*Venha esquiar nos Montes D’Olmes, em Ariège, pois os cátaros são simpáticos*”. E em junho de 1978 realizava-se a VI “competição cátara” de motociclismo nas proximidades do castelo de Montségur²².

Reforçando o mito do “neocatarismo”, os meios de comunicação transportaram os hereges do século XIII para dentro de inúmeros lares. Matérias jornalísticas, livros de ampla divulgação, espetáculos dramáticos ou musicais (até mesmo ópera) alimentou continuamente esta “história imaginada”. No dia 29/03/1966 uma emissora de TV francesa transmitiu um filme a respeito da Cruzada Albigense. O grande público teve a oportunidade de conhecer o cenário do Languedoc medieval, de ver personagens históricos como o papa Inocêncio III, São Domingos²³, Simão de Montfort, Raimundo VI e muitos cátaros. No filme, estes últimos encarnavam o modelo de perfeição, sendo indentificados como heróis, enquanto os promotores da cruzada ocupavam o papel de vilões em potencial. Os atores que representavam os hereges, por exemplo, portavam-se com delicadeza, falando suavemente, enquanto os opositores dos occitanos apareciam em traços meio grotescos, “urrrando como energúmenos”²⁴.

CRUZADA, INCORPORAÇÃO E O NACIONALISMO FRANCÊS

Se, como afirmamos anteriormente, o fator religioso teve peso decisivo na preservação da memória histórica da Cruzada Albigense, tal influência ocorreu em virtude de uma das principais funções ideológicas do conhecimento histórico na França, isto é, justificar a profunda relação da nação com o catolicismo. Marc Ferro, em trabalhos memoráveis de crítica historiográfica, demonstrou muito bem as vinculações da produção do conhecimento histórico com os interesses específicos de determinados setores da sociedade e/ou determinadas tendências da sociedade na qual os historiadores profissionais estão inseridos²⁵. No caso da França, nação em que o compromisso do Estado com a Igreja católica sempre foi bastante evidente, o discurso ortodoxo desempenhou papel importantíssimo na criação da consciência histórica²⁶.

A abordagem do conflito medieval, portanto, diverge visivelmente quando realizada pela historiografia oficial, que em geral procurou ocultar aspectos considerados nefastos para a idéia da identidade coletiva, enfatizando aqueles capazes de colocar em evidência a antigüidade da vocação nacional dos franceses, daquela proporcionada pelos historiadores sulinos -mais

preocupados em evidenciar as conseqüências negativas da guerra para a autonomia regional. Perfilam-se, nesse sentido, no decorrer de vários séculos, duas tendências de abordagem preocupadas em resgatar a dimensão propriamente política da Cruzada albigense: a primeira delas identifica-se com a perspectiva oficial, “monarquista”, “centralista” ou “nortista”, enquanto a segunda vincula-se a uma perspectiva “regionalista”, “romanista”, “meridional” e/ou “sulista”.

De modo geral, a discussão encaminhada por estas linhas de interpretação discrepantes girou em torno do problema da unidade nacional francesa, cuja origem de um modo ou de outro remonta aos eventos do confronto militar do século XIII. Tal unidade, decorrente da anexação das terras do languedoc à *Francia*, aparece nos textos dos historiadores “centralistas” como um ato oriundo da violência, mas também como tendo sido um “mal necessário”, sem o qual a nação permaneceria incompleta.

Do século XVI ao XVIII, ainda sob o *Ancien Regime*, a apreciação dos fatos da Cruzada nos livros de história e nos manuais utilizados nos colégios destinados à educação da nobreza adulterou os fatos, apresentando-os sob o ponto de vista do poder instituído, opondo a ordem (cruzados) à desordem (cátaros), e na mesma perspectiva maniqueísta, os bons aos maus, os heróis aos vilões, de acordo com o papel desempenhado por cada um na manutenção dos interesses da monarquia. Tratava-se de enaltecer a grandeza dos antecessores dos soberanos absolutistas em detrimento do particularismo regional, funesto aos interesses do reino. Esta concepção dos occitanos e da cruzada constituiu a matriz em que certos eruditos posteriores alimentaram seus preconceitos, perpassados por um discurso do poder, da unidade, da ordem²⁷. Aos olhos dos intelectuais nortistas, mesmo no século XIX e início do atual, a imagem dos franceses do sul continuou a ser a do frívolo, volúvel, egoísta, irresponsável, covarde, preguiçoso e traidor. Alexis Carel, um destes escritores setentrionais, não hesitava em defender em 1935 a superioridade das populações do Norte em relação àquelas residentes próximas do Mediterrâneo: segundo ele, as raças inferiores habitam regiões de elevadas temperaturas²⁸.

Malgrado, pois, os rancores inter-regionais, o discurso dos historiadores nortistas procurou apaziguar a violência exercida no passado contra o Languedoc. Albert Reville, um estudioso protestante, considerou a devastação da Occitânia um episódio lamentável, mas necessário à unidade nacional. O Norte e o Sul precisavam um do outro. Sua separação condenaria ambas as regiões a uma “anulação desesperada”²⁹. Para Edgard Boutaric, importante medievalista da segunda metade do século XIX, apesar do caráter sangrento das batalhas do século XIII, os meridionais “aceitaram facilmente” a dominação

francesa³⁰. E Tamizey de Laroque sintetizava relativamente bem a postura da historiografia “centralista” ao afirmar:

“Si le beau ciel du Midi fut rougi du reflet de tant d’incendies, si la limpidité de ses rivières fut troublée par le sang de tant des victimes, on doit surtout en accuser l’antagonisme persistant de ses races rivales que la Providence destinait à former, par leur fusion merveilleuse, la nation du monde entier qui peut à meilleur droit se glorifier aujourd’hui de son unité”³¹.

No século XX, historiadores mais prudentes, como Marc Bloch, admitiram que o Languedoc teve durante muito tempo o sentimento de constituir uma coletividade bem à parte do restante da França³². Como ele, Régine Pernoud e François Louis Ganshof não descartaram a possibilidade da constituição de uma comunidade independente na Occitânia. Os costumes próprios, as diferenças étnicas, a língua e os contatos mais constantes com o Oriente colaboraram para o florescimento de uma identidade cultural própria, lentamente absorvida pela França do Norte³³.

Durante toda a primeira metade do século XX, período dramático em virtude dos conflitos mundiais em que os franceses nem sempre levaram à melhor, a relação entre Cruzada Albigense e unidade nacional preocupou sobremaneira os historiadores “centralistas”. A impressão é a de que o particularismo occitano, nos momentos em que a França corria perigo face aos inimigos externos, preocupava os apologistas da nacionalidade. Não parece ter sido mera coincidência o fato de que o volume de reflexões a respeito da relação Norte-Sul tenha aumentado sobremaneira nas décadas de 30 e 40, especialmente no período da II Guerra Mundial e na fase de ocupação da França pelos alemães. Foi exatamente neste contexto que o mais ilustre medievalista francês da época, Joseph Calmette, escreveu dois ensaios dedicados ao exame do significado histórico do Languedoc no cenário nacional, considerando nacionalismo e regionalismo idéias complementares e nunca antagônicas. Para ele, a unidade nacional deveria compreender justamente a “variedade harmoniosa” das divergências regionais³⁴.

Data também deste momento o aparecimento de uma obra extremamente polêmica, mas de valor indiscutível, chamada *La Croisade contre les Albigeois et l’union du Languedoc à la France*, de Pierre Belperron. O autor, desde o prefácio, deixou bem claro os seus propósitos: desejava destruir de uma vez por todas o “mito” do particularismo meridional e comprovar a necessidade de sua anexação. Crítico ferrenho da corrente “romanista”, para este historiador Raimundo VI, o conde de Toulouse, fora péssimo líder; a nobreza sulista e a

burguesia das cidades não tinham qualquer condição para uma reação unificada contra as hostes dos cruzados enviados pela Igreja. O Midi “refinado e fútil”, usando sua própria expressão, carecia de coesão cultural e social. Os cátaros precisavam ser aniquilados irremediavelmente, pois representavam perigo para a integridade do corpo da Cristandade. Somente a incorporação política realizada por uma monarquia forte como a dos capetíngios teria sido capaz de restabelecer a “ordem” necessária³⁵. Trabalho portanto vinculado a uma percepção parcial do distante século XIII, as investigações do autor tiveram o mérito de colocar em evidência aspectos nem sempre vinculados aos fatos, incidindo na análise de elementos estruturais da organização feudal do Languedoc comparada às formas feudais desenvolvidas em outras partes da Europa. A interpretação apresentada, pois, não obstante ter um escopo ideológico bem preciso, ofereceu elementos novos para a análise do conflito até então não discutidos pelos estudiosos da Cruzada Albigense e do catarismo.

A versão “monarquista” persiste na historiografia do Norte. Há pouco menos de dez anos a historiadora Janine Garrison, num trabalho cujo título - *Le Midi est-il français?* - esclarece por si mesmo a natureza do “problema occitano”, esperou dar uma resposta satisfatória para a questão das implicações decorrentes da relação languedoc/França. Abandonou em seu ensaio termos do tipo “anexação”, “união” ou “incorporação”, preferindo optar pelo conceito de “integração”, menos agressivo que os anteriores mas não menos revelador da relação conflituosa entre a região e a nação. Segundo ela, após séculos de recusa ou hesitação, geradas em virtude da reunião das províncias do Sul, sua integração ao destino nacional aparece como uma dado concretizado³⁶. Emmanuel Le Roy Ladurie desenvolve argumento semelhante. Valendo-se de eufemismos e figuras de retórica, admite que com a Cruzada Albigense a Occitânia foi incontestavelmente violentada pelo poder francês, mas em seguida, como acontece muitas vezes depois de “casamentos forçados”, a região “deu-se” livremente ao Estado do Norte³⁷. Os recursos lingüísticos empregados pelo ilustre integrante da Escola dos *Annales* não foram capazes de dissimular o preconceito sutil. Preconceito duplo, diga-se de passagem, pois ao fazer uso da metáfora do “casamento forçado”, o Languedoc acabou sendo associado com uma “mulher” que, depois de ter sido violentada (pelo Estado), sucumbe diante da força e entrega-se livremente ao mesmo (revelando além da perspectiva nortista, o juízo machista do historiador).

CRUZADA, CONQUISTA E O REGIONALISMO LANGUEDOCIANO

Por outro lado, contrariamente ao desenvolvimento desta concepção da Cruzada Albigense orientada pela percepção centralista, na qual o Estado e a nação aparecem como *leitmotiv*, ao longo dos séculos germinou no Sul uma contra-história a respeito do conflito do século XIII, em que os fatos, os heróis ou o sentido dos acontecimentos recebeu interpretação sensivelmente diferente³⁸.

Já durante os séculos XVI-XVIII, nas obras realizadas por eruditos meridionais destinadas ao estudo do Languedoc, especialmente na *Histoire Générale du Languedoc*, de Dom Vaissète, é possível notar certa reserva em relação aos cruzados, bem como uma crítica discreta dos seus propósitos³⁹. Após a Revolução Francesa, os desníveis regionais e a exclusão política das lideranças occitanas nas diretrizes nacionais lançou uma parte dos intelectuais engajados na busca de justificativas históricas para as dificuldades pelas quais o Languedoc passava ou de que (em sua ótica) tornou-se vítima. Para estes, a região, herdeira, no passado, das tradições romanas, viu esse rico legado cultural ser abruptamente destruído a partir do momento em que os "bárbaros do Norte", numa "invasão sangrenta", anexaram o Languedoc à França, em desmedida ambição de conquista. Nesta linha caminharam os trabalhos de Mary-Lafon, Claude Fauriel, Augustin Thierry e Napoléon Peyrat. A revalorização da língua d'Oc, símbolo expressivo do particularismo occitano, atendeu aos interesses desta corrente anti-clerical, liberal, indigenista e "romanista"⁴⁰.

A publicação de obras polêmicas, como a *Croisade contre les albigeois et l'union du Languedoc à la France*, de Pierre Belperron, colocou em evidência as controvérsias em torno do tema, dando origem a debates acalorados e a estudos direcionados a comprovar os fundamentos históricos das diferenças e especificidades locais. Desta reação da intelectualidade meridional surgiram estudos importantes, como *La Conquete du Languedoc*, de J. L. Pene, em que o autor, criticando severamente as concepções "monarquistas" de Belperron, empreendeu análise cerrada e profunda do processo de anexação, demonstrando a virulência da feudalidade setentrional na conquista do Sul, bem como os projetos da realeza e da Igreja nesse mesmo sentido⁴¹.

Nas últimas três décadas proliferaram investigações oriundas das universidades sulinas, preocupadas em resgatar em profundidade a dimensão religiosa e política do medievo. Merece destaque o trabalho coletivo desenvolvido no *Instituto de Estudos Meridionais* da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Toulouse, responsável pela publicação anual, a partir do ano 1969, da coleção *Cahiers de Fanjeaux*, consagrada aos

estudos da história religiosa do Languedoc nos séculos XIII e XIV, dedicada ao exame aprofundado de assuntos pertinentes diretamente ao catarismo e/ou a Cruzada Albigense, bem como a vida paroquial, as formas de religiosidade popular, a intervenção da Inquisição e a atuação das ordens monásticas. Deste núcleo de estudos, surgiram pesquisadores importantíssimos para as questões sócio-religiosas da Idade Média Languedociana, entre os quais o maior especialista das origens da Inquisição, Yves Dossat⁴², e grandes conhecedores contemporâneos do problema cátaro, como Elié Griffé, que pesquisou durante vinte anos o problema da implantação e desenvolvimento da heresia nos séculos XII-XIV⁴³ e Jean Duvernoy, profundo conhecedor dos documentos inquisitoriais e dos fundamentos doutrinários do albigismo⁴⁴.

Pode-se notar, de modo similar, substancial aprofundamento de pesquisas no âmbito da história social e política, sobretudo no decurso da década de 70. Neste sentido, o periódico *Annales du Midi*, publicado pela Editora Édouard Privat, congregou trabalhos de pesquisa direcionados para o estudo das especificidades das estruturas sociais, políticas e econômicas da região em questão⁴⁵. Teses bem fundamentadas, entre as quais a de Elisabeth Magnou Nortier, lançaram luz sobre as instituições clericais e feudais no período de formação do condado de Toulouse, contribuindo decisivamente para esclarecer os problemas internos do Languedoc no momento do desencadeamento do conflito⁴⁶. As pesquisas empíricas, bem como interpretações de cunho sociológico, como as apresentadas por Paul Labal, tem apontado com bastante precisão a profunda crise vivida pela nobreza occitana no século XII, decorrente em parte da própria especificidade das formas feudais gestadas no sul, diante da qual a adoção da heresia cátara servia como alternativa ideológica para o ataque aos bens da Igreja⁴⁷. Mencione-se ainda o esforço prolongado do maior pesquisador atual da Cruzada Albigense, o sulino Michel Roquebert, que durante mais de vinte anos investigou profundamente os desdobramentos factuais do conflito, em trabalho fartamente documentado e detalhado, indubitavelmente a mais sólida interpretação de todo o processo de incorporação⁴⁸.

As controvérsias geradas pelos assuntos atinentes ao problema decorrente da anexação, no entanto, permanecem. No final da década de 70 o historiador Gerard Cholvy, em resenha publicada na revista *Annales*, teceu severas considerações a respeito do estilo e dos propósitos dos intelectuais do Sul. Segundo ele, os "occitanistas" continuam a procurar as raízes do atual subdesenvolvimento regional num passado remoto, utilizando os acontecimentos do passado em função do presente, manipulando desta maneira a memória histórica⁴⁹. Entre os alvos diretos de Cholvy estava Robert Lafont, diretor do *Instituto de Estudos Occitanos* e militante ativo do movimento

regionalista. Lafont, em seu importante manifesto *La revolution regionaliste*, questionou a centralização do Estado francês -situado geograficamente na região da Bacia Parisiense-, identificando a origem da centralização e exclusão regional com a cruzada e a incorporação do Languedoc. A incorporação estaria na base de um "autoritarismo centralista" e de um "colonialismo interior", reforçados paulatinamente no decurso dos séculos⁵⁰. Para ele, a história da França e a vida francesa foram a continuar a ser incomodadas pela "diferença occitana". A Occitânia sempre representou a "outra França" e a "outra na França", vivendo na situação de todas as etnias minoritárias, servindo de cabeça de ponte para o imperialismo da França do Norte em direção à Catalunha⁵¹.

Ponto de vista semelhante ganha corpo nos argumentos de Jean Plumyène, para quem a idéia de França existiu verdadeiramente somente depois da Revolução Francesa. Antes, a França não passava da expressão geográfica do domínio real. De acordo com Plumyène, a geografia política da Europa provém da força das armas e da diplomacia, sendo a nação o produto acabado dessa "política da violência". As verdadeiras nações, em seu modo de ver, são filhas do sonho. As bases ideológicas da nacionalidade francesa surgiram nos trabalhos dos historiadores "românticos" do século passado e do início do século atual, sendo o fruto do sonho de homens como Guizot, Thiers, Michelet ou Ernest Lavisse. No mais, subsiste a diversidade. Novas nações, e entre elas a Occitânia, apenas nascerão após o enfraquecimento do Estado⁵².

O resgate do passado e a eleição da Cruzada Albigense como parte do passado a ser constantemente invocado e reapropriado pelos militantes regionalistas serviu e continua a servir de ponto de referência para os problemas do presente. A articulação passado/presente aparece, por exemplo, no trecho a seguir, de René Nelli, um dos mais respeitados conhecedores do trovadorismo occitano e do catarismo:

*"La lutte du particularisme méridional contre la monarchie a fait place aujourd'hui au combat pour la décentralisation. Deux phénomènes qui, bien évidemment, ne se recouvrent pas, mais qui ont à coup sur la même origine par delà les péripéties de l'histoire"*⁵³.

Ai está, segundo pensamos, um breve esboço das tendências principais responsáveis pela elaboração da memória do catarismo e da Cruzada Albigense. Para finalizar, gostaríamos de lembrar uma vez mais aquilo que os historiadores repetem constantemente a respeito da natureza do conhecimento no campo em que atuam. Costuma-se afirmar que a história não é neutra. Temos sempre a impressão que o problema da parcialidade ou da distorção na interpretação dos acontecimentos diga respeito apenas aos problemas políticos

contemporâneos, supostamente mais aptos a influenciar nas paixões e preferências ideológicas dos historiadores ou de outros responsáveis pela formação da consciência histórica. Não é verdade. O dilema da imparcialidade/parcialidade na elaboração do saber histórico pode ser percebido em fatos ou situações distanciados temporalmente, mas capazes de serem aproximados ao presente do historiador em virtude de seu(s) possível(eis) significado(s). Os matizes e condicionamentos atuantes na(s) interpretação(ões) oferecida(s) pelos historiadores e outros formadores de opinião, se por um lado criam obstáculos à sempre desejada objetividade científica da história, por outro lado garantem a este mesmo saber a sua atualidade e a sua função social de criadora de consciência(s).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUNE, Colette. *Naissance de la nation France* (Bibliothèque des histoires). Paris: Gallimard, 1985.
- BELPERRON, Pierre. *La Croisade contre les Albigeois et l'union du Languedoc à la France*. Paris: Librairie Plon, 1942.
- BERLIOZ, Jacques. "Exemplum et histoire: Césaire de Heisterbach et la Croisade Albigeoise". *Bibliothèque de l'École des Chartes*, Tome 147, 1989, pp. 49-86.
- BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*. Trad. Emanuel Lourenço Godinho (Lugar da História). Lisboa: Edições 70, 1982.
- BOUTARIC, Edgard. "La Guerre des Albigeois et l'Alphonse de Poitiers". *Revue des Questions Historiques*, Tome 2, 1867, pp. 155-180.
- CALMETTE, Joseph. *Études médiévales*. Toulouse: Édouard Privat, 1944.
- CHESNEAUX, Jean. *Hacemos tabla rasa del pasado? A proposito de la historia y de los historiadores*. Trad. Aurelio G. del Camino. México: Siglo XXI, 1985.
- CHOLVY, Gerard. "Histoires contemporaines en pays d'Oc". *Annales ESC*, 33-4, 1978, pp. 863-879.
- DUVERNOY, Jean. *Le catharisme: la religion des cathares*. Toulouse: Édouard Privat, 1976.
- DOUAIS, Celestin. *Documents pour servir à l'histoire de l'Inquisition dans le Languedoc* (Société de l'histoire de France). Paris: Librairie Renouard, 1900 (reimpressão Slatkine Mégariotis Reprint/Genève, Honoré Champion/Paris, 1977).
- _____. "Un épisode des Croisades contre les Albigeois: le siège de Carcassonne".

- Revue des Questions Historiques*, Tome 31, 1882, pp. 121-159.
- EFFACEMENT du catharisme* (Cahiers de Fanjeaux, n. 20). Toulouse: Édouard Privat, 1985.
- FERRO, Marc. *A história vigiada*. Trad. Doris Sanchez Pinheiro (O homem e a história). SP: Martins Fontes, 1989.
- _____. *Falsificações da história* (Estudos e documentos). Mem Martins: Publicações Europa-América, s/d.
- GARRISON, Janine. "Le Midi est-il français?". *L'Histoire*, n. 96, 1987, pp. 79-86.
- GANSHOF, François Louis. *Pages d'histoire*. Bruxelles: Éditions Universitaires, 1944.
- GRIFFE, Elié. *Les débuts de l'aventure cathare en Languedoc*. Paris: Letouzey et Ané, 1969.
- _____. *Le Languedoc cathare de 1198 à 1210*. Paris: Letouzey et Ané, 1972.
- _____. *Le languedoc cathare au temps de la Croisade*. Paris: Letouzey et Ané, 1973.
- _____. *Le Languedoc cathare et l'Inquisition*. Paris: Letouzey et Ané, 1980.
- GUIRAUD, Jean. *Histoire de l'Inquisition au Moyen Age*. Paris: Éditions A. et J. Picard, 1935. 2 vols.
- _____. "La Croisade des Albigeois". *Revue des Questions Historiques*, Tome 79, 1906, pp. 611-615.
- HIGOUNET, Charles. "La conquête du Languedoc (J. L. Pene)". *Annales du Midi*, Tome 70 n. 43, 1958, pp. 359-360.
- HISTORIOGRAPHIE du catharisme* (Cahiers de Fanjeaux, n. 14). Toulouse: Édouard Privat, 1979.
- LABAL, Paul. *Los cataros: herejia y crisis social*. Trad. Octavi Pellissa. Barcelona: Editorial Critica, 1984.
- LAFONT, Robert. *La revolution regionaliste* (Collection idées). Paris: Gallimard, 1967.
- _____. "La culture d'Oc ou la parole perdue et retrouvée". *Magazine Littéraire*, n. 76, 1973, pp. 12-16.
- LAROQUE, Philippe Tamizey de. "Un épisode de la Guerre des Albigeois". *Revue des Questions Historiques*, Tome 1, 1866, pp. 168-190.
- LEA, Henri-Charles. *Histoire de l'Inquisition au Moyen Age*. Trad. Salomon Reinach. Paris: Société Nouvelle de Librairie et d'Édition, 1900. 2 vols (reimpressão Jerome Milon/Paris, 1986).
- LIENS, Georges. "Le stéréotype du méridional vu par les français du Nord de 1815 à 1914". *Provence Historique*, Tome XXVII n. 110, 1979, pp. 413-431.
- MAGRE, Maurice. *Le sang de Toulouse: histoire albigeoise du XIII siècle*

- (Bibliothèque Charpentier). Paris: Fasquelle Éditeur, 1931.
- MOLINIER, Charles. *L'Inquisition dans le Midi de la France au XIII siècle et au XIV siècle: étude sur les sources de son histoire*, Paris: 1880, 2 vols (reimpressão Burt Franklin/New York, 1986).
- NELLI, René. *Écrivains anti-conformistes du Moyen Âge occitan* (Domaine d'Oc). Paris: Éditions Phébus, 1977. Tome I: Hérétiques et politiques.
- NORA, Pierre (Dir). *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1986. Tome II.
- NORTIER, Elisabeth Magnou. *La société laïque et l'Église dans la province ecclésiastique de Narbonne de la fin du VIII à la fin du XI siècle*. Toulouse: Association des Publications de l'Université de Toulouse-le-Mirail, 1974.
- OLDENBOURG, Zoé. *Le bucher de Montségur* (Trente journées qui ont fait la France). Paris: Gallimard, 1959.
- PERNOUD, Régine. *L'unité française* (Que sais-je?). Paris: Presses Universitaires de France, 1944.
- PLUMYÈNE, Jean. "Des nations en général et de l'Occitanie en particulier". *Magazine Littéraire*, n. 76, 1973, pp. 6-11.
- RAHN, Otto. *Croisade contre le Graal*. Trad. de l'allemand par Robert Pitrou (troisième édition). S/ local: Philippe Schrauben Éditeur, 1985.
- REMOND, René. "La fille aînée de l'Église". *L'Histoire*, n. 96, 1987, pp. 118-122.
- ROQUEBERT, Michel. *L'épopée cathare*. Toulouse: Édouard Privat: Tome I- 1198-1212: L'Invasion, 1970; Tome II- 1213-1216: Muret ou la dépossession, 1977; Tome III- 1216-1229: Le lys et la croix, 1986.
- SMEDT, Charles de. "Les sources de l'histoire de la Croisade contre les Albigeois". *Revue des Questions Historiques*, Tome 16, 1874, pp. 433-481.
- VIDAL, Jean-Marie. "Les derniers ministres de l'albigeisme en Languedoc: leurs doctrines". *Revue des Questions Historiques*, Tome 79, 1906, pp. 51-107.

NOTAS

1. O presente artigo resulta da reelaboração de uma parte do capítulo inicial de nossa tese de doutoramento intitulada *Tolosanos, cátaros e foidits: conflitos sociais e resistência armada no Languedoc durante a Cruzada Albigense*, apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas da USP em 1993.
2. Vale mencionar, todavia, que nos referidos séculos a configuração atual do território da França, o sentido de "nação" e de Estado francês tal qual o concebemos correntemente não existiam. Como veremos adiante, parte substancial dos problemas suscitados paralelamente à elaboração da memória do catarismo decorre justamente da questão da existência/inexistência da unidade nacional.

3. Até o século XIII, a região pertencia aos domínios feudais do Condado de Toulouse. A predominância da língua d'Oc conferia certa unidade cultural aos territórios meridionais, motivo pelo qual estes acabaram sendo identificados pelo termo genérico Languedoc, Occitânia, ou simplesmente Midi.
4. Colette BEAUNE. *Naissance de la nation France* (Bibliothèque des Histoires). Paris: Gallimard, 1985, esp. pp. 188-206, 309-336.
5. M. H. VICAIRE. "Les albigeois ancêtres des protestants. Assimilations catholiques". In: *Historiographie du catharisme* (Cahiers de Fanjeaux, 14). Toulouse: Édouard Privat, 1979, pp. 23-46.
6. Paul AMARGIER/Arnald Ramire de FORTANIER. "La contribution catholique à l'histoire de l'albigisme". In: *Historiographie du catharisme*, pp. 105-228.
7. Charles de SMEDT. "Les sources de l'histoire de la Croisade contre les Albigeois". *Revue des Questions Historiques*, Tome 16, 1874, p. 434.
8. A frase, supostamente, teria sido utilizada no momento em que os cruzados atacavam a cidade de Béziers, em 1209. Esta localidade foi a primeira a ser sitiada pelas hostes feudais enviadas ao Languedoc, tendo sido pilhada, incendiada, e toda a população encontrada, massacrada.
9. Ph. Tamizey de LAROQUE. "Un épisode de la Guerre des Albigeois". *Revue des Questions Historiques*, Tome 1, 1866, pp. 168-190. Contra a argumentação de Laroque, que tinha o objetivo de demonstrar a falta de credibilidade da fonte principal de onde foi extraída a frase, o *Dialogus Miraculorum* do monge cisterciense Cesário de Heisterbach, veja-se o trabalho recente de Jacques BERLIOZ. "Exemplum et histoire: Césaire de Heisterbach et la Croisade Albigeoise". *Bibliothèque de l'École des Chartes*, Tome 147, 1989, pp. 49-86.
10. Cf., por exemplo, seu artigo "Les derniers ministres de l'albigisme en Languedoc: leurs doctrines". *Revue des Questions Historiques*, Tome 79, 1906, pp. 51-107, em que Vidal examina as bases teológicas das concepções doutrinárias cátaras através dos textos referentes aos últimos pregadores do final do século XIII.
11. No artigo "Un épisode des Croisades contre les Albigeois. Le siège de Carcassonne". *Revue des Questions Historiques*, Tome 31, 1882, pp. 121-159. Douais apresenta correções às anotações de Paul Meyer que serviram de fundamento para a edição de um dos principais documentos da Cruzada Albigense, a *Chanson de la Croisade contre les Albigeois*. Deve-se também a ele a publicação da mais importante coleção de documentos relativos ao estabelecimento da Inquisição no século XIII, na obra *Documents pour servir à l'histoire de l'Inquisition dans le Languedoc* (Société de l'histoire de France). Paris: Librairie Renouard, 1900.
12. Em resenha do livro de Achille LUCHAIRE. *Inocent III. La Croisade des Albigeois*. Paris: Hachette, 1906, Guiraud apontou uma série de equívocos quanto à interpretação dos fatos da guerra, colocando também em evidência problemas metodológicos graves no desenvolvimento da obra. Ver Jean GUIRAUD. "La Croisade des Albigeois". *Revue des Questions Historiques*, Tome 79, 1906, pp. 611-615. Décadas depois, abordou a questão com a profundidade merecida em sua extraordinária *Histoire de l'Inquisition au Moyen Age*. Paris: Éditions A. et J. Picard, 1935, 2 vols.
13. Gui BEDOUELLE. "Les albigeois, témoins du véritable évangile: l'historiographie protestante du XVI et du début du XVII siècle". In: *Historiographie du catharisme*, pp. 47-70.
14. Charles Olivier CARBONNEL. "Un initiateur: Charles Schmidt". In: *Historiographie du catharisme*, pp. 163-184.
15. Charles Olivier CARBONNEL. "Les historiens protestants libéraux ou les illusions d'une histoire scientifique". In: *Historiographie du catharisme*, pp. 195-203.
16. Charles MOLNIER. *L'Inquisition dans le Midi de la France au XIII et au XIV siècle*. Paris, 1880 (reimpressão por Burt Franklin/New York, s/d).
17. Henri-Charles LÉA. *Histoire de l'Inquisition au Moyen Age*. Trad. Salomon Reinach. Paris:

- Société Nouvelle de Librairie et d'Édition, 1900 (reimpressão em 1986, Paris: Jerome Milon). 2 vols.
18. O castelo de Montségur, situado no alto de uma montanha nos confins de Ariège, pertencia no século XIII aos domínios do condado de Foix - um dos mais destacados centros de resistência no período da conflito. A fortaleza foi destruída apenas em 1244, e os seus defensores acabaram sendo coletivamente executados, queimados em imensa fogueira. Por esta razão, Montségur permaneceu como o símbolo maior da "epopéia cátara". A respeito, ver Zoé OLDENBOURG. *Le bucher de Montségur* (Trente journées qui ont fait la France). Paris: Gallimard, 1959.
 19. Maurice MAGRE. *Le sang de Toulouse. Histoire albigeoise du XIII siècle* (Bibliothèque Charpentier). Paris: Fasquelle Editeur, 1931.
 20. Otto RAHN. *Croisade contre le Graal*. Trad. de l'Allemand par Robert Pitrou. S/ Local: Philippe Schrauben, 1985 (edição original 1933).
 21. Vale dizer que, até mesmo no Brasil, os cátaros (e de modo similar, o Graal e a Ordem dos Templários) povoam a imaginação dos adeptos de sociedades ditas secretas ou de caráter iniciático e esotérico, como a Ordem Rosacruz, a Sociedade Palas Atena e outras do gênero.
 22. Jean-Louis BIGET. "Mythographie du catharisme". In: *Historiographie du catharisme*, pp. 308-309, 326-332.
 23. Criador da Ordem dos Dominicanos, surgida no bojo do catarismo com o fito de oferecer combate espiritual à heresia. Os primeiros inquisidores foram recrutados justamente nesta ordem monástica.
 24. Charles olivier CARBONNEL. "Vulgarisation et recuperation: le catharisme à travers les mass-media". In: *Historiographie du catharisme*, pp. 364-366.
 25. Marc FERRO. *A história vigiada*. Trad. Doris Sanches Pinheiro (Coleção O Homem e a História). SP: Martins Fontes, 1989, pp. 28-31. Com relação ao compromisso da historiografia com a idéia de nação e com o poder exercido pelo Estado, cf. do mesmo autor o capítulo "Do Cristoei à Pátria e ao Estado: a História vista da Europa", de *Falsificações da História* (Estudos e Documentos). Mem Martins: Publicações Europa-América, s/d., pp. 115-134. Ver também o capítulo "La interioridad nacional en la Historia", do brilhante ensaio de epistemologia do conhecimento histórico de autoria de Jean CHESNEAUX, *Hacemos tabla rasa del pasado? A proposito de la historia y de los historiadores*. Trad. Aurelio G. del Camino. Mexico: Siglo XXI, 1985, pp. 128-138.
 26. René RÉMOND. "La fille ainé de l'Eglise". *L'Histoire*, 96, 1987, pp. 118-122.
 27. Henri DURANTON. "Les albigeois dans les Histoires générales et les manuels scolaires du XVI au XVIII siècle". In: *Historiographie du catharisme*, pp. 119-142.
 28. George LIENS. "Le stéréotype du méridional vu par les français du Nord de 1815 à 1914". *Provence Historique*, tome XXVII-110, 1979, p. 431.
 29. Charles Olivier CARBONNEL. "Les historiens protestants libéraux ou les illusions d'une histoire scientifique". In: *Historiographie du catharisme*, p. 190.
 30. Edgard BOUTARIC. "La guerre des albigeois et Alphonse de Poitiers". *Revue des Questions Historiques*, Tome 2, 1867, p. 157.
 31. Ph. Tamizey de LAROQUE. *Art. Cit.*, p. 169.
 32. Marc BLOCH. *A sociedade feudal*. Trad. Emanuel Lourenço Godinho (Lugar da História). Lisboa: Edições 70, 1982, p. 453, 477.
 33. Régine PERNOURD. *L'unité française* (Que sais je?). Paris: Presses Universitaires de France, 1944, pp. 40-51; F. L. GANSHOF. "La Croisade des albigeois et l'unité française". In: *Pages d'histoire*. Bruxelles: Éditions Universitaires, 1944, pp. 115-123.
 34. Joseph CALMETTE. "Le languedoc dans l'Histoire de France", pp. 23-29; "Unité française, diversité regionale", pp. 63-72. In: *Études Médiévales*. Toulouse: Édouard Privat, 1946.
 35. Pierre BELPERRON. *La Croisade contre les Albigeois et l'union du Languedoc à la France*. Paris: Librairie Plon, 1942.

36. Janine GARRISON. "Le Midi est-il français?". *L'Histoire*, 96, 1987, p. 74.
37. Emmanuel Le Roy LADURIE. "Nord/Sud". In: Pierre NORA (Dir). *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1986. Tome II, p. 126.
38. A respeito da noção do contra-discurso occitano no contexto da fabricação dos "sentidos" da história francesa, cf. o já mencionado trabalho de Marc Ferro. *A História vigiada*, pp. 51-53, em que comenta: "*nessa contra-história, o martirólogo não teve tregua*".
39. Philippe WOLFF. "Y eut-il une optique propre des histoires regionales?". In: *Historiographie du catharisme*, pp. 82-83.
40. Charles Olivier CARBONNEL. "D'Augustin Thierry à Napoléon Peyrat: un demi siècle d'occultation". In: *Historiographie du catharisme*, pp. 142-163.
41. Charles HIGOUNET. "La Conquete du Languedoc (J. L. Pene)". *Annales du Midi*, Tome 70, 1958, pp. 359-360.
42. Patrick HENRIET. "Du nouveau sur l'Inquisition languedocienne". In: *Effacement du catharisme?* (Cahiers de Fanjeaux, 20). Toulouse: Édouard Privat, 1985, pp. 161-162.
43. Elié GRIFFE. *Les débuts de l'aventure cathare en Languedoc*. Paris: Letouzey et Ané, 1969; *Le languedoc cathare de 1198 à 1210*. Paris: Letouzey et Ané, 1972; *Le languedoc cathare au temps de la croisade*. Paris: Letouzey et Ané, 1973; *Le Languedoc cathare et l'Inquisition*. Paris: Letouzey et Ané, 1980.
44. Deve-se a Duvernoy a publicação dos depoimentos prestados pelos moradores da aldeia de Montailhou ao inquisidor Jacques Fournier; as investigações do inquisidor Geoffrey d'Abblis no condado de Foix ao final do século XIII; a crônica de Guilherme de Puylaurens, um dos principais documentos contemporâneos da Cruzada albigense; e ainda o extraordinário estudo *Le Catharisme; la religion des cathares*. Toulouse: Édouard Privat, 1976.
45. Entre os colaboradores constantes do periódico, merece destaque os trabalhos relevantes de Charles Higounet (especialista no estudo da vida rural nos séculos XI-XIII), Philippe Wolff (especialista dedicado ao papel das cidades e do comércio) e Etienne Delaruelle (especialista das instituições religiosas e sociais). Vale mencionar, ainda, a publicação de atas de simpósios ou encontros acadêmicos fundamentais no aprimoramento temático e conceitual dos quadros sociais e políticos do medievo languedociano, como "Les structures sociales de l'Aquitaine, du Languedoc et de l'Espagne au premier age féodal". *Annales du Midi*, Tome 80, 1968 e "Cadres de vie et société dans le Midi médiéval". *Annales du Midi*, Tome 102, 1990.
46. Elisabeth Magnou NORTIER. *La société laïque et l'Église dans la province ecclésiastique de narbonne de la fin du VIII à la fin du XI siècle*. Toulouse: Association des Publications de l'Université de Toulouse-le Mirail, 1974.
47. Paul LABAL. *Los cataros: hereja y crisis social*. Trad. Octavi Pellissa. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.
48. Michel ROQUEBERT. *L'épopée cathare*. Toulouse: Édouard Privat: I- 1198-1212: L'Invasion, 1970; II- 1213-1216: Muret ou la dépossession, 1977; III- 1216-1224: Le lys et la croix, 1986.
49. Gerard CHOLVY. "Histoires contemporaines en pays d'Oc". *Annales ESC*, 33-4, 1978, pp. 863-879.
50. Robert LAFONT. *La révolution régionaliste* (Collection idées). Paris: Gallimard, 1967., esp. o capítulo IV: "Conscience régionale et conscience historique", pp. 184-209.
51. Robert LAFONT. "La culture d'Oc ou la parole perdue et retrouvée". *Magazine Littéraire*, 76, 1973, p. 12.
52. Jean PLUMYÈNE. "Des nations en général et de l'Occitanie en particulier". *Magazine Littéraire*, 76, 1973, p. 9.
53. René NELLI. *Écrivains anti-conformistes du Moyen Age Occitan* (Domaine d'Oc). Paris: Phébus, 1977. Tome I - Herétiques et politiques, p. 30.